



História Cultural

VII Simpósio Nacional de História Cultural
**HISTÓRIA CULTURAL: ESCRITAS, CIRCULAÇÃO,
LEITURAS E RECEPÇÕES**

Universidade de São Paulo - USP

São Paulo - SP

10 e 14 de Novembro de 2014

NOVA IGUAÇU SEGUNDO A LITERATURA: AS REPRESENTAÇÕES DE UMA CIDADE A PARTIR DA ARCÁDIA IGUASSUANA DE LETRAS (AIL-1955-1970)

Maria Lúcia Bezerra da Silva Alexandre*

NOVA IGUAÇU E CITRICULTURA

Durante a administração de Nilo Peçanha o revigoramento econômico pautou-se no recobrimento do setor agrícola. As lideranças do Rio de Janeiro compartilhavam do movimento ruralista disseminado pelos grupos agrários de todo o Brasil. O ruralismo foi “especificamente definido ao longo da Primeira República [...] como um movimento integrado por agências e agentes dotados de uma inserção determinada na estrutura social agrária e sustentado por canais específicos de organização, expressão e difusão de demandas. [...] (MENDONÇA, 1997: P.13)

Segundo Sonia Regina de Mendonça, o ruralismo defendeu a quebra do cultivo atrasado e a extrema especialização produtiva da agricultura nacional. Diante disto, um

* Graduada em Licenciatura em História da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – Instituto Multidisciplinar (UFRRJ/IM) Mestranda do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (PPHR/UFRRJ) Secretária do Centro de Documentação e Imagem (CEDIM) na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - Instituto Multidisciplinar. Está inserida no Grupo de Estudos Históricos da Baixada Fluminense - Estação Baixada (GEHBAF). É membro do Conselho Editorial de CAHistória; Revista Discente: www.cahistoria.wordpress.com. Tem especial interesse pelas discussões acerca da Baixada Fluminense e do Município de Nova Iguaçu, mas especificamente sobre os processos históricos que envolvam instituições, produção literária e intelectuais na metade do século XX.

conjunto de possibilidades sociopolíticas e econômicas foram concedidas aos grupos menos beneficiados deste grande bloco. Era preciso não somente pensar no campo político, mas também civil. Foi necessário criar instituições capazes de encaminhar esse projeto de “essência agrária” do país, como por exemplo, a SNA (Sociedade Nacional de Agricultura).

Em Nova Iguaçu, o jornal *Correio da Lavoura* esteve a frente da propaganda ruralista na cidade. O município de Nova Iguaçu ganhou parte dos incentivos agrícolas aplicados no estado do Rio de Janeiro. A atuação de Nilo Peçanha revitalizou a agricultura estadual, sendo o cultivo da laranja uma das culturas mais incentivadas. Deste modo, a citricultura passou a ser uma das principais atividades econômicas do estado, inclusive em Nova Iguaçu.

A implementação da citricultura em Nova Iguaçu pelo governo Nilo Peçanha ganhou amparo da administração municipal somente após investimentos estaduais. Os produtores rurais foram os grandes motivadores da produção de laranjas de forma que o município demandou importantes mudanças. A centralização do distrito sede se deu a partir das exigências suscitadas pela citricultura como: saneamento, aproveitamento de terras, estradas de ferros e incentivos governamentais. A construção do cerne urbano se deu em função: da ferrovia, da transferência do centro para a estação de Maxambomba¹ e pela atividade citrícola.

Portanto, o município reuniu um grupo de medidas modernizadoras que ia de melhorias no distrito-sede até obras sanitárias na região da Baixada. Essas mudanças se deram pelas operações federais e estaduais e apoio do poder local, a fim de que uma “Nova Iguaçu” fosse constituída. Segundo Amália Dias, a elite citricultora associou laranja a modernidade para que a mesma permanecesse na história e “progresso” da cidade. “Isto é, há fortes investimentos em construir uma identidade local entre a história do município, (a partir da história do distrito-sede) e a valorização da função da citricultura para o almejado progresso da região” (DIAS, 2012: P 208).

Essa relação entre agricultura e progresso ficou evidente no conjunto de símbolos e representações em comemoração ao centenário municipal, em 1933. Um

¹ A mudança do centro administrativo do município, da antiga Vila de Iguassú, para as margens da ferrovia no povoado de Maxambomba foi oficializado em 1891. Com o novo centro administrativo, Maxambomba tornou-se em 1916, Nova Iguaçu. Posteriormente, na década de 1920 a escrita foi modificada para Nova Iguaçu.

número de ações comemorativas foram organizadas pelo então prefeito da época, Arruda Negreiros. A construção de obras públicas, a inauguração de vias, monumentos históricos e a publicação de obras “memorialísticas” davam visibilidade ao crescimento do distrito-sede com base na vocação agrícola. O objetivo era apontar um “futuro próspero” a partir da idade de ouro produzida pela citricultura e seus grupos operantes.

Contudo, uma nova conjuntura se fez nas décadas que sucederam o “sucesso” da citricultura consolidada por este grupo. Nova Iguaçu, entre os anos de 1950 e 1960 ganhou novos contornos territoriais, socioeconômicos e políticos. Este período gerou incertezas e a necessidade de reiterar o papel desta elite mediante as configurações que a cidade adquiriu. Por isso, em meados da década de 1950 os “filhos” dessa geração ruralista concluíram esta história acerca do município. Eles produziram uma literatura que completava as representações constituídas sobre a cidade no centenário. Assim, em 11 de agosto de 1955, a Arcádia Iguassuana de Letras (AIL) era fundada em Nova Iguaçu

A Arcádia realizou uma “nova” intervenção na história da cidade. As mudanças conjunturais incidiram sobre o grupo e fizeram com que a AIL produzisse um discurso com base nestas referências. Por isso é importante compreendermos o panorama dos 1950 e a composição de uma literatura pela Arcádia através das memórias de seus membros. O recorte temporal se estende até a década de 1970, pois a documentação demonstra que o grupo fundador da AIL se manteve produzindo como instituição até o limiar deste período.

A FUNDAÇÃO DA ARCÁDIA IGUASSUANA DE LETRAS (AIL)

Sonali Souza aponta que a diminuição no cultivo do produto, na década de 1940, gerou um processo de expansão mais acentuado da malha urbana iguaçuana, pois as chácaras de laranjas foram progressivamente loteadas. Os “chacareiros estavam subordinados aos grandes proprietários, por um lado, porque arrendavam terras destes, por outro pelo controle exercido pelos proprietários do comércio de exportação e financiamento” (SOUZA, 1992: P 87)

No entanto, a escolha por lotear as terras antes utilizadas pela agricultura se deu não somente por um colapso da citricultura, mas pelo redirecionamento que o município adquiriu no início dos anos de 1950. O território adquiriu uma nova forma de especulação,

ou seja, o projeto agrícola dos anos 1920 se encerrava e a valorização imobiliária provocada pelas migrações do Norte e Nordeste foi impulsionada.

O município também vivenciou parte do processo de industrialização transcorrido em âmbito nacional, através de uma progressiva estratégia econômica, que instalou as chamadas indústrias de bens de consumo duráveis e de bens de capital na região. Para Adrianno Oliveira, “coube à Região Sudeste, representada, sobretudo por São Paulo e Rio de Janeiro, um papel decisivo posto que concentravam parte do investimento dessas indústrias.” (RODRIGUES, 2006: P 56).

As emancipações dos antigos distritos também configuraram uma importante mudança de ordem administrativa e política. Os desmembramentos territoriais diminuíram a receita de Nova Iguaçu, além disto, forças políticas dissidentes se organizaram frente o município matriz e com isto alianças foram firmadas ou renovadas. A imprensa também ganhou novos contornos com a fundação do *Correio de Maxambomba*. Criado em data não identificada, o jornal se mostrou assíduo concorrente do *Correio da Lavoura*, periódico utilizado pelos árcades para veiculação de informações sobre a AIL.

Estes fatores estimularam a elite remanescente da citricultura a criar associações. Estas instituições foram pensadas por indivíduos pertencentes ao aparelho administrativo local. A institucionalização de espaços como a Arcádia permitiu que a história elaborada por esta elite local fosse “reacendida”. As mudanças conjunturais fizeram com que os “descendentes” da laranja corroborassem com suas memórias, a narrativa iniciada nas décadas anteriores.

Esse grupo de intelectuais estava intrinsecamente ligado à realidade na qual estavam inseridos. Com isto eles asseguraram o direcionamento ideológico e cultural hegemônico imposto pela classe dirigente.

Todo grupo social, nascendo no terreno originário de uma função essencial no mundo da produção econômica, cria para si, ao mesmo tempo, organicamente, uma ou mais camadas de intelectuais que lhe dão homogeneidade e consciência da própria função, não apenas no campo econômico, mas também no social e político (GRAMSCI, 2014: P 15)

Tendo por referência à Academia Brasileira de Letras (ABL) e demais Academias Estaduais e Municipais, a Arcádia foi um espaço onde se concluiu sob o signo

das letras um ciclo de “prosperidade” pretérita. Para isto o jornal *Correio da Lavoura* foi utilizado mais uma vez como difusor dos objetivos do grupo, pois as publicações sobre a Arcádia demonstravam muito da sociabilidade pré-existente entre os árcades e dos fins da AIL. Esse conjunto de intelectuais não poderia ser um grupo autônomo, mas representantes que conferissem consciência de si mesmos e funcionalidade no campo sociopolítico e economicamente dominante de Nova Iguaçu.

Médicos, professores, advogados e jornalistas foram elencados segundo critérios como vínculos familiares, profissionais e principalmente de sociabilidade, a fim de que colocassem em prática o projeto. Estes indivíduos eram filhos de famílias vinculadas direta ou indiretamente ao setor agrário, mas que foram igualmente absorvidos pela nova estrutura econômica industrial e comercial das décadas de 1950 e 1960. A AIL se inseriu no momento em que o estado do Rio de Janeiro vivenciava um projeto de revalorização da memória agrícola que reacendeu o papel fluminense no cenário nacional. O plano teve por objetivo o recobrimento histórico de um status baseado na principal atividade econômica da região.

Em *Historiografia e Identidade Fluminense*, Rui Acineto Nascimento Fernandes demonstrou a renovação de investimentos no setor agrário fluminense durante a segunda intervenção de Ernani Amaral Peixoto. Por isso as tradições e valores locais deveriam ser resgatados de modo que uma identidade regional se consolidasse. Os artigos produzidos contemplavam temáticas como municipalidades e colonização, sendo esta última uma das mais aplicadas à região da Baixada Fluminense.

Demarcar as diretrizes para que ela ocorresse com êxito foi uma das maiores preocupações do Diretório Regional de Geografia do Estado do Rio de Janeiro, principal produtora da história regional do governo Amarilista. Segundo Rui Fernandes, este plano diretor estava alinhado com os ideais defendidos por muito intelectuais fluminenses materializados “em suas agremiações a Academia Fluminense de Letras, a Academia Niteroiense de Letras, o Cenáculo Fluminense de História e Letras, o Museu Antônio Parreiras e as Faculdades, das décadas de 1940 e 1950.” (FERNANDES, 2009:P 3)

Por isso, indivíduos conhecedores da realidade estadual poderiam formular levantamentos estatísticos e organizar publicações evidenciando os vultos e potencialidades fluminenses. Seguindo a proposta estadual, a Arcádia correspondeu aos anseios propostos pelo governo de Amaral Peixoto. A AIL traçaria um panorama das necessidades econômicas em mutação e daria o “reconhecimento” aos sujeitos produtores

desta história. Diante disto, a Arcádia produziu um conjunto de obras que nos permite significar os usos políticos do discurso histórico no município de Nova Iguaçu entre os anos de 1950 e 1970.

O objetivo é percebermos como a Arcádia enquadrou a cidade da segunda metade do século XX na literatura produzida. Como a narrativa elaborada pode ter findado o período dominado por um grupo que, entretanto, deixou registrado pela literatura a sua capacidade de produzir a história e sua atuação na mesma. Por isso faremos uma breve caracterização da produção dos árcades a partir de elementos como: quais informações foram destacadas na narrativa, cronologias e periodizações para a construção do discurso histórico. Trataremos especificamente das obras dos membros Deoclécio Dias Machado Filho e Ruy Afrânio Peixoto. Traçaremos um esboço de como os autores abordaram alguns temas sobre a cidade, ou seja, como suas narrativas se aproximam ou se afastam.

MEMÓRIAS SOBRE “UMA” NOVA IGUAÇU

As obras produzidas pelos membros da Arcádia reúnem uma série de interesses que pode explicar o lugar destes autores, as palavras ditas e os seus silêncios. Possuímos um conjunto de 24 títulos produzidos pelos árcades entre os anos de 1953 e 1994. Essas obras estavam em poder da família de um dos membros da AIL, o jornalista Luiz Martins Azeredo. Toda produção foi disponibilizada por seu neto Luiz Eduardo Azeredo e encontra-se digitalizada, contudo é possível que existam outros títulos redigidos, que se perderam ou estejam em arquivos particulares. Por duas justificativas nosso enfoque reside sobre os livros produzidos entre os anos de 1953 e 1970.

Primeiramente, o ritmo da produção literária acompanhou o fôlego com que os fundadores estiveram comprometidos com a AIL. A partir da década de 1970 o número de obras escritas pelos árcades diminuiu assim como sua atuação na imprensa. Em segundo, as obras que estabeleceram a relação entre a memória dos árcades e cidade de Nova Iguaçu estão concentradas nos anos de 1950 e 1960. Isto evidencia como a fundação da Arcádia esteve vinculada às transformações socioeconômicas e políticas vivenciadas pelo município.

Os estilos escolhidos pelos árcades demarcam outro aspecto importante dessa literatura. Eles perpassaram os mais variados gêneros: poesia, trovas, ficção, contos, memórias, biografias e peças teatrais. Notamos que os autores constituíram as narrativas

com base em suas memórias e vivências. A capacidade em se relacionar pelo campo profissional e demonstrar como suas ações foram importantes na narrativa histórica municipal, também fica demonstradas nos textos. O papel desempenhado pelas famílias, instituições e principalmente pela administração pública aparecerem com frequência nos títulos. Comungando de valores e perspectivas semelhantes estes intelectuais transformaram suas memórias em literatura. Falar sobre a cidade em que cresceram acrescentaria a história contada por seus “antepassados”.

Para discutirmos a relação entre literatura e cidade optamos por dois dentre os nove autores da AIL. A partir de suas reminiscências e trabalhos memorialísticos, Deoclécio Dias Machado Filho e Ruy Afrânio Peixoto resgataram a “identidade” produzida para o território e a população. Neste trabalho discutiremos *O que restou dos laranjais em flor - Um livro de memórias bem iguaçuanas* e *Traços Biográficos de João Manoel Pereira da Silva* de Ruy Afrânio Peixoto. A primeira foi publicada em 1970 e apresenta um conjunto de memórias do autor sobre a cidade como ruas e personalidades. A opção por esta segunda obra está em averiguarmos a revalorização de determinados personagens históricos, espaços e fatos da cidade. Por meio deste título notaremos como o processo histórico é constituído, ou seja, quais marcos foram eleitos e por quais razões.

Deoclécio Dias Machado Filho ocupou em 12 de maio de 1957 a cadeira de número 2, cujo patrono era o médico iguaçuano Elói dos Santos Andrade. Formou-se em medicina pela Faculdade Nacional de Medicina nos anos de 1940. Pertenceu à família fundadora do colégio Leopoldo Machado, tradicional instituição de ensino criada na década de 1930 e em funcionamento até os dias de hoje. Escreveu diversas matérias para o jornal *Correio da Lavoura*. Foi um dos árcades que mais produziram dentro da AIL. Escreveu diversas matérias para o jornal *Correio da Lavoura*. Entre os anos de 1950 e 1970 Deoclécio Machado produziu sete obras, são elas: *A sombra dos laranjais*, *A tradição de um nome (A vida social do esporte Clube Iguaçu)*, *Nova Iguaçu, terra de gente ilustre*, *Reminiscências*, *Veras D'alma*, *No limiar do outro mundo* e *O que restou dos laranjais em flor - Um livro de memórias bem iguaçuanas*.

O segundo autor, Ruy Afrânio Peixoto foi advogado e professor. Fundou no final da década de 1960 o Colégio Afrânio Peixoto, atual Recanto do Fazer. A instituição de ensino possuía Jardim de Infância, ensino primário, ginásial, científico e normal. Assim como Deoclécio, Ruy Afrânio foi um assíduo colaborador do jornal *Correio da Lavoura*. Ao todo ele publicou cinco obras, são elas: *Traços Biográficos de João Manoel Pereira*

da Silva, Imagens Iguaquanas, Em cada esquina um encontro, Brique a Braque e A filha do Macumbeiro.

Com exceção das últimas três obras de Ruy Afrânio Peixoto, ambos os autores elegem como temas: suas memórias, a história do município, instituições locais e biografias. A narrativa de Deoclécio Machado é memorialística e traz consigo um grande ar nostálgico, ou seja, sobre uma Nova Iguaçu que segundo o mesmo, não mais voltará. Em seu livro *O que restou dos laranjais em flor* o árcade narra em um dos capítulos, suas lembranças sobre a rua em que viveu. “E a rua Getúlio Vargas, em que morava, por acaso, não merece umas páginas de saudade deste livro?” (MACHADO, 1970: P 49) Na sequência ele elenca o nome dos que ali moraram e diz que “[...] quase tôda a rapaziada da atual geração iguaçuana possui ou já possuiu ligação de parentesco com os antigos moradores da famosa e tradicional rua da Cadeia” [grifo meu] (IBIDEM, 1970:P 49)

Posteriormente ele completa que a rua se tornaria a dos “Cartórios” e que 80% dos tabeliões ali residiram com a presença dos advogados. Segundo Deoclécio, o endereço concentrava boa parte dos acontecimentos da cidade, pois nela estavam os “médicos, advogados, juizes, promotores, delegados, soldados carcereiros e políticos” (IBIDEM, 1970: P. 50) Em suas palavras:

Tal rua, aparentemente despreziosa, reta e curta, deve ter influído muito no destino profissional de muitos de seus moradores, na maioria advogados, hoje pessoas quem, na juventude, teriam se impressionado com os grandes vultos que por ela desfilaram no exercício de suas longas atividades tribunícias (IBIDEM, 1970: P 50)

A rua descrita pelo árcade está localizada no centro do município de Nova Iguaçu até os dias atuais. Esse endereço reuniu as residências da elite agrária durante os anos 1920 e 1940, e teve sua formação constituída durante consolidação da citricultura na cidade. Ela foi delimitada pela linha férrea, de um lado a moradia das famílias “fundadoras” de Nova Iguaçu e do outro o centro comercial e moradores dos bairros mais proletários. Nela encontram-se, até hoje, o hospital Iguassu, a antiga cadeia municipal, a igreja de Nossa Senhora de Fátima e São Jorge, cartórios e inúmeros escritórios de advocacia e consultórios médicos.

Como já explicitado, os membros da Arcádia são filhos de uma geração ruralista que demarcou culturalmente e fisicamente seus espaços de poder na cidade. Por isso quando Deoclécio diz que “quase toda a rapaziada da atual geração possui ou possuiu

ligação de parentesco” as pessoas da rua Getúlio Vargas, não é por acaso. Ali se concentraram boa parte dos descendentes da “idade de ouro”, bem como suas famílias e espaços de atuação. Uma igreja pensada para a frequência deste grupo, escritórios, consultórios e o principal hospital da cidade dimensionam a estrutura alicerçada pela elite rural e o aparelho administrativo local. Mediante isto, o objetivo da AIL era reiterar os papéis desse grupo dominante a partir da relação progresso, agricultura e Nova Iguaçu.

O árcade também sinaliza que a rua concentrou parte dos profissionais liberais da cidade. Muitos dos arcadianos seguiram a carreira médica, jurista, jornalística ou política. Em geral, eles exerceram as profissões mais frequentes na família. Deram prosseguimento aos negócios deixado pelos pais e avós. Por isso Deoclécio Machado colocou que a juventude se inspirou nos “grandes vultos” que ali frequentaram a rua descrita por ele. A finalidade era exacerbar a imagem e “tradição” criada em torno de figuras do início do século XX. Para o membro da AIL a escrita seria capaz de:

[...] escrevendo, fariam reviver, inclusive, a inteligência dos iguaçuanos, marginalizados ou não, daqueles homens que agitavam as autoridades, movimentando a urbe, intranquilizando ou revolvendo o seu meio social com as atitudes que, boas ou más, davam vida à cidade, enfim, às atividades que a particularizavam, emprestando-lhe as genuínas características de então, de que as de hoje são corolário².
[grifos meus] (IBIDEM, 1970: P 51)

A Arcádia foi fundada com o objetivo de destacar as ações de um grupo dominante que se encontrava em um cenário de mudanças. De acordo com o autor, essa elite constituiu um conjunto de valores e práticas que deram sentido a cidade. Esse direcionamento teve êxito, pois imprimiu sua participação como agente transformador na história de Nova Iguaçu. Enaltecer o papel desempenhado pelos membros dessa elite e as atividades vinculadas a ela fez com que o “corolário” fosse rememorado mediante um futuro ainda indefinido.

A obra *Traços Biográficos de João Manoel Pereira da Silva*, de Ruy Afrânio Peixoto também enfatiza a trajetória de João Manoel Pereira da Silva e mudanças sofridas pela região no século XIX. Este último era o patrono da cadeira ocupada pelo árcade. A obra contém 32 páginas e se inicia com a origem familiar do biografado. Segundo o autor, os pais de João Manoel, Miguel Joaquim e Joaquina Rosa, chegou ao arraial de

² Consequência, resultado ou importância.

Iguaçu em 1800. Seu pai investiu no comércio local e ajudou a “prosperar” a região, pois “com a prosperidade, novas famílias eram atraídas para o arraial cuja a população também aumentava de novos iguaçuanos” (PEIXOTO, Ruy Afrânio, 1962: P 11)

Em 20 de agosto de 1819 nasceu o biografado e curso Direito na universidade de Paris. Retornou ao Brasil, onde exerceu a profissão e cargos públicos. Durante a narrativa o árcade se propõe a elencar as atividades exercidas por João Manoel Pereira da Silva, bem como as transformações sofridas pela região ao longo do século XIX. O membro da Arcádia aponta o crescimento populacional, a rede das principais famílias constituídas, epidemias, a chegada da ferrovia e transferência do distrito-sede do município. “Talvez o próprio Pereira da Silva não soubesse que, promovendo com a estrada de ferro, o progresso de Maxambomba, a atual Nova Iguaçu, estaria promovendo também o declínio da Vila de Iguaçu” (IBIDEM, 1962: P 23)

A cidade passou por transformações que o “exímio” advogado e político acompanhou assim como outros sujeitos de sua época. Vale ressaltar que Ruy Afrânio enfatizou as ações desempenhadas pelo seu patrono durante o Império. Isto se deu para exemplificar como a Iguaçu produziu “homens ilustres”, ou seja, vultos históricos. A perspectiva era demonstrar que mesmo distante do “arraial Iguaçu” o patrono acompanhou o “crescimento da sua terra natal”. Mediante as obras apresentadas podemos observar que tanto Deoclécio Machado quanto Ruy Afrânio Peixoto enfatizam espaços físicos da cidade quanto suas personagens.

A perspectiva foi associar as mudanças sofridas por Nova Iguaçu e a relação delas com o desempenho de alguns sujeitos e o seu contexto. Ambos elegem um espaço físico, no caso de Deoclécio Machado é uma rua e Ruy Afrânio a mudança do cerne urbano do município, contudo ambos identificam como indivíduos pertencentes a uma elite organizaram o espaço citadino em torno de suas demandas. No século XVIII e XIX isto se deu pelo comércio e ferrovia respectivamente, e no início do século XX pela citricultura.

Os autores também valorizaram a origem familiar e a sociabilidade. A referência sempre parte do passado, especialmente das profissões exercidas e referências de sujeitos daquele campo. Demonstraram como este grupo dominante e suas ações se perpetuaram por décadas. Apresentar os “feitos” produzidos e apontar com o município de Nova Iguaçu ampliou-se por isso, também foi uma característica destas narrativas. Contudo, a relação passado-futuro foi o que mais evidenciamos nestas obras.

As produções fazem uma analogia em que um passado sobre a cidade precisa ser escrito e reiterado como forma de evidenciar um presente de “conquistas”. O objetivo é que esse grupo descendente da citricultura aponte como seus antepassados atuaram para atingir “o atual grau de progresso” do município nos anos 1950 e 1960. Porém, e ao mesmo tempo, os árcades não foram capazes de vislumbrar o que o futuro seria capaz de trazer mediante as mudanças socioeconômicas e políticas já apresentadas. Mesmo assim, é possível detectarmos que a nostalgia provocada visa o findar desempenhado por uma geração a partir da literatura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DIAS, Amália. Entre laranjas e letras: processos de escolarização no distrito-sede de Nova Iguaçu (1916-1950). Rio de Janeiro, UFF, Tese de Doutorado, 2012.

FERNANDES. Rui Aniceto Nascimento. Historiografia e identidade fluminense. A escrita da história e os usos do passado no Estado do Rio de Janeiro entre as décadas de 1930 e 1950. Rio de Janeiro, PUC, Tese de Doutorado, 2009.

GRAMSCI, Antonio. Cadernos do Cárcere - Volume 2 - Os intelectuais, o princípio educativo – Jornalismo. São Paulo: Civilização Brasileira, 2012.

MENDONÇA, Sônia Regina de. O Ruralismo Brasileiro. (1888-1931). São Paulo, Editora HUCITEC, 1997.

RODRIGUES, Adrianno Oliveira. De Maxambomba a Nova Iguaçu (1833 – 90’s): Economia e Território em Processo. Rio de Janeiro, UFRJ-IPPUR, Dissertação de Mestrado em Planejamento Urbano e Regional, 2006.

SOUZA, Sonali Maria de. Da laranja ao lote: transformações sociais em Nova Iguaçu. Rio de Janeiro, Museu Nacional, PPGAS. Dissertação de Mestrado, 1992.

Obras dos Árcades

MACHADO, Deoclécio Dias Filho. O que restou dos laranjais em flor. Gráfica Castro LTDA, 1970.

PEIXOTO, Ruy AFRÂNIO. Traços Biográficos de João Manoel Pereira da Silva. [S. l. : s.n.] 1962.